



PROJETO PERFORMANCE

entrevista

ANGEL VIANNA

por Marcelo Asth

Aos 90 anos, Angel Vianna é conhecida por suas relevantes contribuições não somente para a dança no Brasil, mas para a arte e para o pensamento da pedagogia da dança. Não é uma mestra da técnica apenas: Angel acessa o coração do outro e aponta caminhos para que cada aluno ou bailarino com quem trabalha acesse o seu próprio coração e se conheça mais a fundo. Estes não aprendem ou se aprofundam nos aprendizados da dança somente com os pés, mas com o peito, com a mente, com os olhos, com a alma em sua própria luz. Encontrar o seu caminho te torna detentor de sua expressão.

Angel não se restringe somente à dança e à expressividade corporal, mas também arrisca em outros moldes, sempre se transformando. Com sua mente ágil, sua firmeza e com seu humor radiante – traços marcantes de sua personalidade –, traz ao seu ensino, à sua lida, à sua escuta e à sua fala, a seriedade que é necessária para aplicar as suas ferramentas da melhor maneira. Angel parece até não ter alunos, mas adeptos de sua forma de lidar com o mundo e com a dança. É inesquecível! Em sua vida estudou piano, escultura, ballet e outras danças. E tudo isso a compôs com o seu olhar particular para a Arte.

No ano de 2016, iniciando o meu período de doutoramento e pesquisando sobre a performatividade em sua relação com o envelhecimento, tive o prazer de assistir à sua peça, um solo de movimentos, projeções, gestos e palavras, um teatro-dança performativo, de interação com memórias, tecnologia, poesia e público ativo. Assisti o espetáculo *Amanhã é outro dia*, com direção e dramaturgia de Norberto Presta e atuação de Angel, no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro e vi pela primeira vez em um palco essa referência nacional, que ali apresentava mais que o corpo em exercício, nos fragmentos de sua vida ofertados a cada espectador, compartilhados em um espaço íntimo e onírico – e também sagrado. Essa vida rica em trajetórias poderia ser definida em uma frase dita por Angel neste espetáculo: “Gente é como nuvem, sempre se transforma”.

Performativo na escolha autobiográfica de suas memórias, elementos e objetos, o espetáculo contava com um cenário contendo módulos para projeções de fotografias e vídeos de momentos seus (um deles como um grande espelho ou porta-retratos ovalado). Angel chegava frágil ao palco em uma cadeira de rodas, na qual ainda dançava, com as suas mãos e com todos os seus poros em presença. Aos poucos Angel saía da cadeira, ganhava passos pelo palco, sentava-se em outra cadeira. Apresentava ao público um par de sapatilhas que vestia em suas mãos como luvas e que fazia dançar posições do *ballet* em uma cena sublime, mostrando como não há mesmo algo certo para determinar os caminhos da dança. Depois calçava as sapatilhas nos pés e erguia a sua perna até o alto, com a elasticidade e preparo de quem dedicou uma vida inteira ao uso consciente do corpo – contrapondo assim com a primeira imagem sua que víamos na cadeira de rodas. Essa é Angel. Ela se colocava por detrás de um dos

suportes onde se encontrava uma projeção e... dançava! Com o jogo de luz e sombras, ela parecia sumir e reaparecer. O que ali é projeção e o que é ela? Jogava com o movimento e com a inércia, entrava e atravessava as imagens, embaralhava os seus momentos – que são ela mesma. As imagens sobrepostas, atritando estes tempos de Angel, enriqueciam em camadas a percepção do público sobre esta personagem viva. Angel estendia algumas linhas vermelhas no proscênio, como se manipulasse e desvelasse um novelo com suas memórias. Ela rompia com o palco e passava entre as fileiras de espectadores esses longos fios – como se entregasse ao outro o fio de suas memórias – que para ser levado até a última fileira, exigia participação corporal ativa do público, que levantava as suas mãos como uma grande "ola" em tempo lento em um estádio de futebol, cantando uma canção sobre o esticar e o encolher dos braços – ensinada ali por Angel. O espetáculo não acabava, continuava latente e sem desfecho presumível. Isso porque a vida continua. E isso porque devemos seguir.

Angel Vianna (Maria Ângela Abras Vianna) é bailarina, professora, coreógrafa e pesquisadora do movimento.

A entrevista com Angel Vianna foi realizada no dia 23 de junho de 2018 em sua residência, localizada no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro. A nossa conversa também foi acompanhada pela pesquisadora, bailarina e atriz Andrea Elias, que trabalha diretamente com Angel e também a auxilia em algumas tarefas do dia-a-dia. Andrea foi a ponte para este encontro e agradeço a ela por esta oportunidade.

Observação: A entrevista em sua transcrição precisou ser rearranjada em seus blocos de perguntas e respostas, sem modificar o sentido de seu discurso, de suas palavras e intenções, mas com o intuito de oferecer maior sentido ao texto como todo na compreensão do leitor. Esta opção partiu da percepção de que, por vezes, os assuntos eram atravessados por lembranças e outras rupturas da memória, tendo suas falas fragmentadas e suas respostas para uma pergunta específica presentes em outros momentos da conversa.

O Projeto Performanciã tem o prazer de compartilhar esse bate-papo de muitos aprendizados com as valorosas experiências de Angel. Desejamos a todos uma agradável leitura!



Marcelo Asth e Angel Vianna
(acompanhada de sua miniatura)

Marcelo Asth – Como começa a sua relação com a arte?

Angel Vianna – O professor Francisco Massereck (já morreu há muito tempo)... eu ficava encantada não só com o que ele me ensinava. Era com o que eu conseguia aprender dele, entende? Portanto, a minha curiosidade me permitia entender e ultrapassar. E depois eu fui percebendo que tocar um instrumento, você tendo uma leveza, você toca de uma maneira que sai um som de uma maneira diferente do som que é mais forte, que é mais frágil, ou que é mais fraco. Esse som não vinha só, isso que eu gosto de falar. Não vinha só por causa daquele instrumento. É porque o corpo humano ele tem um sentimento. Ele não é só uma coisa, ele é também um sentimento. Ele tem uma percepção de sentir aquilo que ele está fazendo.

Ficar eternamente e não percebendo... o professor falava assim com a minha irmã. Ela não gostava mesmo, era pra ser dona de casa e mãe e eu achava isso muito interessante. Ela queria casar e eu não tinha muito interesse em casamento. Mas só se fosse uma pessoa pra me entender muito e eu entendê-lo também muito – senão era uma coisa muito chata porque na época era: casou, meu filho, acabou! Acabou, quero dizer... não podia fazer nada. Tocar um pianinho, podia ser, mas dançar... era tudo escondido, que eu fazia. Não da minha mãe, mas do meu pai, que era de família árabe. As coisas não podiam ser como eu queria. É interessante a maneira de ser de cada família. Por exemplo. A minha família árabe sempre casou mais primo com primo. Meu pai era primo da minha mãe, minha avó era prima do meu avô... em geral, não era em primeiro grau. Era em segundo, terceiro... da família. Mas eu era encantada com esse negócio.

Marcelo Asth – E sobre esse sentimento, essa percepção... Se fosse a técnica pela técnica não teria esse brilho...

Angel Vianna – Não, não é técnica pela técnica só, é uma técnica que tem outras tantas coisas para captar. O tocar. O tocar já era uma coisa mais... pra cada coisa ali era um som. Aí eu tinha que observar: era forte? Era fraco? Eram todos juntos? Ou era um toque?

Tudo na minha vida foi assim... e ninguém entendia nada! Engraçado que eu tinha uma irmã que sempre falava de mim: "não liga pra ela, não. Ela não entende nada disso". Eles pensavam que eu era uma pessoa que ficava presa àquilo... não. Eu era presa ao piano, depois do piano... fui pra uma escola do Guignard. Quando eu estava fazendo piano, quando comecei a Escola de Guignard, era no parque municipal de Belo Horizonte. Eu precisava da arte, não podia ficar sem a arte, fui primeiro para o piano, por muito tempo. Depois a Escola de Guignard quando abriu eu não queria a pintura, eu queria a escultura, porque eu já tinha uma necessidade de observar o ser. Eu gostava de observar o ser humano, se ele era tocado de uma maneira ou de outra... eu tinha uma curiosidade, era tamanha, que o professor... (*fala para si*) ele ainda não veio na minha memória... mas eu vou trazê-lo... quando eu comecei eu perguntei para ele: "professor, você me ensina a fazer a escultura?" Ele falou: "a escultura não, você é que vai saber o que você quer fazer, mas vou te ensinar como você usar pra trabalhar o que você está trabalhando e está querendo trabalhar. O que você quer fazer?" Ele me perguntou. Me puseram de tesoureira da Escola do Guignard e na época eu podia fazer muita coisa...

Marcelo Asth – Algo que me chamou a atenção em sua fala é sobre essa percepção de como tocar o outro e de como perceber o que está naquele outro...

Por exemplo: a sua percepção da mão ou do pé, ou a relação em primeiro lugar, toda vez que trabalho com a dança é de perceber o apoio, os apoios. Quando você deita, tem a observação do corpo inteiro. Você não consegue fazer isso quando tá começando a perceber, você vai devagar. Por isso que às vezes é demorado para alguns alunos, mas se você falar todo dia na hora da aula: “ô minha gente, atenção com o apoio”... O que é apoio? Apoio do pé... se tá deitado de costas é uma coisa, se tá deitado de lado é outra coisa. O ser é tridimensional. Se você não sabe perceber que ele é tridimensional, ele vai viver eternamente só em um lado. Não é tão simples mas também não é tão difícil. Por que você falando isso, ajudando... tem gente que não se preocupa com isso, nem todo professor te dá tudo não... tem professor que só quer andar, “vamos passear, vamos observar”... eu não, eu vou devagar, mas vou dando informação, de ver o espaço, de observar o espaço.

Cada um é cada um. Eu gosto de dar aula para quem não é bailarino! Porque eles têm mais atenção que os bailarinos. Os bailarinos às vezes têm vontade de saber 3 anos só: acabou, acabou! Mais o diploma que outra coisa. Mas eu não deixo muito os meus alunos fazerem isso, não! É claro que neste momento estou descobrindo novas coisas, outras maneiras de acontecer... o nascimento por exemplo, está me perturbando no momento! Tudo o que eu pensava do nascimento eu já estou achando que é um mistério. Eu não achava que era um mistério. Naquela época que a minha irmã estava tendo filho, para mim era a cegonha. Quem traz a criança era a cegonha, diziam. E a criança fica com aquilo na cabeça. E agora, que eu tenho horror de observação com as pessoas, mesmo as crianças que saem da barriga das minhas alunas, já é uma outra maneira de ser. Os que nascem, eu aproveitava para vê-los também. As meninas falavam: “posso levar meu menino, Angel, pra aula?”, e eu dizia “põe ele ali no cantinho, se chorar, você vai lá, dá de mamar. E presta atenção na aula!”. Quando o menino começava a se mexer e engatinhar, eu colocava todo mundo pra engatinhar, pra poder entender o corpo do engatinhar. Aí era muito legal! Eu gostava de fazer essas coisas, de ensinar, de observar a mobilidade do engatinhar. Tem uma aluna que falava assim: “meu filho ensinou, né, Angel?”. “– Claro, você também trazia ele sempre...”

(pausa)

Quando eu estava pra fazer mudança, o meu professor na época dizia: “aperta o ‘popô’, aperta a cavidade abdominal”. Mas eu falei: “professor, pensa bem, como é que vou dançar se estou apertando ‘popô’, barriga? Não dá pra acreditar que apertando tanto eu possa me mover!”. Eu perguntava: “professor, como posso apertar tanto pra dançar?” Ele não respondeu. Eu cheguei em casa pensando que ele também não sabia. Eu fico pensando... naquela época não tinha anatomia, estudo do corpo, eles aprendiam tudo através da fala.

Eu era curiosa, a minha família não era muito curiosa. Eu era considerava uma pessoa que ficava inventando novidade – e não era novidade nem um pouco, era o que era! E eles que não percebiam. Entendeu? Eu olhava uma criança como era na época, meu pai, minha mãe, meus irmãos e eu pensava: ninguém é igual a ninguém. Mas como é que minha mãe não tem nada a ver com meu pai! O corpo dela é diferente do corpo do meu pai. A quantidade de coisas dela é diferente dele. O do meu irmão não tem a ver com o meu, nem com o da outra irmã, nem com o da outra irmã. Que estranho, afinal o que sou? Sou um instrumento. Tenho um instrumento diferente de todos. Eu gosto de coisas que eles detestam. Então comecei a perceber o ser humano. E queria descobrir novas maneiras. Aí descobri o piano: preciso fazer menos barulho, preciso conhecer o toque do piano, como tocar a mão no piano. O professor me ajudava muito mas tinha coisa que ele não me falava: ele não falava dessa coisa que vem do meu ouvido e vai para a minha mão. Não, ele falava: olha Angel, não deixa a mão assim... e depois eu comecei a ficar pesquisando a importância do tocar. *(fazendo o gesto)* Porque tem gente chata que vem no seu

braço e quase te mata! *(risos)* Vai te dar um abraço e quase te sufoca! Um abraço de amor, de carinho, é diferente do que o outro faz, bruto. Tem gente que é bom professor falando, mas não tocando. O corpo humano é muito interessante. Você é você.

Marcelo Asth – E nem a gente é igual como no passado... me veio uma frase do espetáculo *Amanhã é outro dia* que me martelou na cabeça: "Gente é como nuvem, sempre se transforma". Se agora estivéssemos olhando para o céu e víssemos uma "nuvem Angel Vianna", o que veríamos?

Angel Vianna – Essa frase saiu quando meu marido morreu e depois eu perdi o Rainer dois anos depois. O sentimento era tão grande que, eu falei que ia fazer uma dança sobre a saudade de Rainer e de Klaus. E eu comecei a ver de outra maneira, que as nuvens são bonitas, tem diversas maneiras de você ver... a nuvem pra mim tem forma de maçã, gente, peixe... milhões de formas. Ela passa de uma forma pra outra rapidamente. Ela tem uma cor, rapidamente. E eu aí fico encantada com as nuvens, como elas são interessantes. Elas são uma forma, uma figura, um movimento. Igual gente, move, fica parado, é um ser mas também é um desenho. Eu olho gente nas nuvens. Eu vejo montanhas, castelos, tudo me vem a minha cabeça. E aí eu me distraio vendo as nuvens ao invés de ficar nervosa com os baques do avião. São como gente, sempre se transforma. E a nuvem transforma.

Marcelo Asth – E a nuvem de Angel Vianna agora?

Angel Vianna – Acho que a minha nuvem mantém e depois ela muda. Eu mudo muito. Meu corpo muda. De quando você nasceu até você morrer. Cada hora eu sou uma coisa. Minhas memórias são muitas. É muita coisa que eu fiz. As nuvens então me lembram gente. É bom, cada um tem seu sentimento. O meu sentimento é de gente que transforma, gente que tem coragem, gente que não é à toa que veio aqui.

(Angel faz uma pausa para tomar seus remédios. Ela dispõe alguns comprimidos sobre a mesa e, surpreendentemente, estica a sua língua para fora, abaixando a cabeça e colando cada remédio por vez em sua língua. Uma performance de cuidado que ela explica em seguida)

Angel Vianna – Pra eu não errar! Sabe por que faço assim? Para trabalhar a língua e a coordenação. Na hora que engulo, língua no céu da boca. É o natural. Buscar as coisas naturais, a maneira de ser natural.

Marcelo Asth – O espetáculo *Amanhã é outro dia* nos chama à percepção de sua própria vida, então te pergunto agora o que seria tocar a si mesmo? Como é se tocar e de que maneiras você entenderia o tocar dessas memórias trazidas à cena, na relação consigo mesma?

Angel Vianna – Ih! Entra tudo, menino! Não é uma coisa. Entra uma percepção. Ó! Depois, se você não tem uma coisa, você pode colocar outras coisas.

(...)

Norberto me leva uma coisa que eu nem sabia, que eu tinha esquecido o que tinha escrito, quando eu era mais nova, mas aqui mesmo no Rio, que ele achou umas coisas que eu escrevi: quem sou eu, de onde eu vim, porque que eu vim, pra que que eu vim, o que queres de mim, pra onde eu vou, porque que eu vou... era assim que estava escrito. E ele transformava, depois ele falava: "– Angel, lembra?". Era interessante, ele era curioso também. Era uma papelada que eu escrevia – e que ainda escrevo – e vou deixando, que depois eu resolvi colocar num local. Então, é porque cada vez eu percebia uma nova maneira de descobrir este instrumento que é o corpo. O corpo me fascina. A primeira coisa que fiz do

corpo para a peça foi a batata da perna da minha colega de dança. Isso eu escrevi e ele pôs. No *Amanhã é outro dia* eu comecei a pensar: “mas poxa, eu escrevi isso tudo?”.

Amanhã é outro dia... muita coisa eu mudei lá. Eu até cheguei no final cansada, eu não estava gostando. Eu falei: “Angel, você ficar sentada e mostrando movimento...”. No princípio eu brigava com ele (*Norberto*) que eu não queria ficar horas e horas levantando a mão, mas depois eu percebi que ele estava fazendo um trabalho bonito que todo mundo estava “adoraaaando”. Eu subia a mão lentamente. Depois falei: “Ah, Deus, desculpe. Meu filho, muito obrigado. Eu gosto agora!”.

No princípio eu falei: “ah, vou fazer qualquer coisa”. (*risos*) Depois falei: “Angel, trabalha com seu sentimento!”. Ali eu começava a lembrar de tudo. Eu olhava pro meu retrato e eu começava até eu chegar no caminho. Aquele caminho... tempo... depois aquela história... aí era sentimento. Era uma organização do tempo que eu tinha pra aquilo que estava escrito. Depois quando eu lembrei, quando eu falo: “eu me encantei pela batata de perna da minha colega...”, que tinha uma foto no retroprojektor, aquilo já era um trabalho que eu tinha feito do pé dela, dela mesmo. Eu olhava minhas colegas de dança, eu dançava com elas, eu falava: “poxa, ela tem uma batata da perna tão forte, a minha não é, por isso que ela sobe tão alto, na sustentação do pé”. Eu achava interessante ver o pé da minha colega, era de uma menina que eu gostava muito, eu achava que ela era uma das melhores alunas daquele trabalho – a mãe dela era pianista daquela escola.

Marcelo Asth – Angel, como é colocar memórias boas e difíceis em um espetáculo?

Angel Vianna – Eu procuro fazer uma coisa muito legal assim, conforme o Norberto fez. Ele me dava muita liberdade de agir. Eu realmente achava tudo muito difícil naquela palavra minha sair dança. Mas saiu! Daquilo sair dança. Acabou dando. Norberto criou, fez, me ajudou. Era uma coisa diferente, totalmente diferente. Eu pus a cadeira de rodas no dia que eu ia estreiar. Ah, meu Deus do céu! Eu tinha machucado a perna lá mesmo!

Marcelo Asth – O que achei surpreendente! Penso: no início a Angel entra com a cadeira de rodas. Depois faz um solo com as sapatilhas nas mãos – que é muito expressivo -, e de repente, ela calça as sapatilhas e faz um movimento com a perna, coloca a perna lá em cima! Aí fica aquela cadeira de rodas e aquela sua imagem com a perna lá em cima, um contraste!

Angel Vianna – Eu estava já trabalhando pra ver onde eu colocava minha perna. Se ela está com apoio... eu trabalho com apoio o tempo todo.

Marcelo Asth – É terapêutico colocar material da vida em cena?

Angel Vianna – Tudo na vida não deixa de ser terapêutico. Eu já fiz muita terapia. Se eu lido com gente, preciso saber como é ser uma pessoa mais humana, mais organizada. E eu comecei a me organizar com a terapia, desde a Bahia. Sempre tomava cuidado de não só fazer novidade, mas ficar sempre sentindo. Aquilo, do Norberto, aquilo de ficar de pé, quando saio da cadeira, (*se referindo à cena da peça*) eu não estava totalmente bem ainda, mas ali busquei meu eixo, em primeiro lugar, meu apoio, meus apoios, onde eu estou apoiada: os pés no chão. O que estou organizando: a plateia. Muita coisa na minha vida foi observando teatro. Eu comecei a observar o corpo. O grande mestre é você mesmo. Cada ser humano é único, especial, e o seu próprio filósofo. O grande filósofo é cada um... Você me perguntou uma coisa... o que você falou mesmo pra mim?

Marcelo Asth – Se era terapêutico...

Angel Vianna – Tem uns que vão pela sabedoria, outros que vão por todas as perguntas, mas porque você não pode ser um grande filósofo e tantas outras coisas.

Marcelo Asth – Qual o seu sentimento olhando a sua vida?

Angel Vianna – Falei com Deus: obrigada pelo o que você tem feito por mim. Você tem me dado um conhecimento diferente, mas o que é que eu vou fazer? Eu gosto desse corpo, eu gosto de entender. Eu deixo eu mesma falar, eu falo o que eu acredito, porque tem dado certo. A nuvem, a mudança, da nuvem quando sai daquele lugar e vai pro outro... todo mundo é capaz de fazer, de dançar. Pra mim o corpo é uma engenharia. É igualzinho você construir um local, uma casa... nada vai ser igual, nada como a casa do vizinho. Você tem um sentimento diferente do seu vizinho.

Eu falo com os alunos: "para de querer ser o outro!". Tem professor que fala umas bobagens: "olha como ela dança lindo!". Eu tinha uma aluna que me criticava: "detesto sua aula". Eu dizia: "e eu com isso, então sai, vai embora, não precisa ficar comigo não!". Ela dizia: "minha perna não passa daqui, não vai igual a das outras". E eu falei: "e não vai mesmo! Você não sabe por quê? Você não tem igual a outra a capacidade de perceber que o seu pé ou perna não pode mover igual aos de outra pessoa e chegar até aqui, porque cada um tem algo na perna que sustenta a perna e dá extensão, o acetábulo tem que ser muito aberto pra se girar o quadril".

Marcelo Asth – Uma vida inteira cabe em um espetáculo ou quantos espetáculos ainda podem ser feitos para falar de Angel Vianna?

Angel Vianna – Se Deus me permitir ficar, a vida inteira. Se você não é capaz de pôr a perna aqui, mas pôr aqui, eu fico aqui. Né? Mas não é porque eu quero, é porque onde sou feliz é lá. Eu cheguei à conclusão... você pode não gostar, vão falar: "ela tá velha, tá 'coroca', mas tá lá!".

Marcelo Asth – Você em cena performou a sua vida. Mas o que você pensa sobre a morte? Tem, por exemplo, o espetáculo *Why the horse?*, em que a atriz Maria Alice Vergueiro performa a própria morte – já que a mesma disse querer morrer em cena –, com os espectadores indo até o palco e podendo falar algo para a atriz que encerra a cena dentro de um caixão...

Angel Vianna – Eu gosto, mas não gosto de preparar a morte, não. Acho bonito dela, a coragem dela (*Maria Alice Vergueiro*), mas eu falaria com Deus: "Deus, dá licença, eu acho que você poderia mudar um pouquinho a morte: você ia andando... (*risos*) até sumir!". Ao invés de ir praquele caixão. Me dá um pouco de pânico. O que que é a morte? É uma interrogação muito séria. Não quero ir contra nem a favor de nada, mas ela (*Maria Alice Vergueiro*) é corajosa. Por querer morrer em cena. Eu já pensei nisso uma vez, mas depois pensei melhor: não quero morrer, nem em cena! (*risos*) São pessoas que precisam ir. Se você pensar é um grande mistério a vida e a morte. Não sabe o que fazer, porque não sabe mais, cada hora Deus te dá uma chance.

Estar cada vez mais atenta com a vida, querendo descobrir tanta coisa bonita que tem, né? Você descobre a performance, eu gosto de descobrir novos caminhos. Se você não dá chance ao aluno ou ao outro, se você não permite o outro crescer...

Marcelo Asth – Angel, você falou muito sobre doação ao outro nessa conversa. E um gesto que pra mim é sublime, é quando você insere na cena as linhas vermelhas, que são linhas da sua vida, fios da linha do tempo, que são compartilhados com o público. Passando o fio e fazendo o público dançar.

Angel Vianna – Norberto virou pra mim e perguntou: “no final do espetáculo você daria uma aula?” Eu disse: “vamos ver”. Não podia ser grande pra não atrapalhar tudo. Eu gosto muito de dar aula, mas neste momento me veio na memória um trabalho de uma amiga minha argentina, que me convidava, convidava Rainer sempre pra assistir as aulas... Patricia Stocoi... era uma pessoa que tinha um trabalho muito bom, tecnicamente, corporalmente. Eu gostava do caminho dela, ela dava aula pra criança, passou pelo *ballet* clássico, e eu falava: “vou ficar amiga dessa moça, ela tem duas filhas lindas...”. E ela tinha contato com as crianças. Ela tinha um pianista e então ela pediu pra ele criar um trabalho onde tocavam as crianças. E cantamos ali:

“Eu descobri, eu descobri! Se eu me estico para cima posso crescer, se me faço pequenina, posso desaparecer”.

Norberto me pediu pra dar uma aula, mas pensei em cantar com o público essa música fazendo o movimento. Aí pedia pro público cantar: “mais alto, mais alto!”. Eu jogava o fio vermelho, a linha. É pra fazê-los se moverem, eles acreditarem! Eu falo tanto da articulação, das dobras. Já que nós temos dobras, eu falava: dessa vez vamos fazer dessa maneira, agora sim, mostrando que se você trabalhar as dobras é mais fácil pro movimento.

Toda parte também é você que pode criar. E eu acredito na criação. Outro dia escrevi: “só não cria quem não acredita que cria”. É verdade, tem gente que tem vergonha.

Visite o site:

www.projetoformancia.com